

Morfologia e sintaxe da nominalização em Kaingáng (Jê Meridional)

Morphology and syntax of nominalization in Kaingáng (Southern Jê)

Maxwell Miranda¹

ORCID: 0000-0001-7752-7423

Ana Suelly Arruda Câmara Cabral²

ORCID: 0000-0001-7212-9178

Lucivaldo Silva da Costa³

ORCID: 0000-0003-1590-8989

DOI: 10.26512/rbla.v14i1.46458

Resumo

O propósito deste artigo é examinar morfológica e sintaticamente a nominalização de radicais verbais na língua Kaingáng (família Jê, tronco Macro-Jê), resultando em nomes de ação. Demonstramos que, do ponto de vista lexical, nomes de ação referem a atividade verbal e são a base para outras derivações na língua, como a que deriva nomes de circunstância (lugar, instrumento e tempo). Em termos sintáticos, nomes de ação são empregados em diversas funções: argumento, modificador, complemento de predicado nominal e núcleo lexical de construções com verbos auxiliares. Apesar da língua Kaingáng exibir correspondências formais e funcionais na derivação de nomes de ação com as demais línguas Jê, existem diferenças notáveis que podem ser reflexos da extensão de seus usos em outros contextos gramaticais.

Palavras-chave: Nominalização, Nomes de ação, Morfologia, Sintaxe, Línguas Jê.

Abstract

The purpose of this article is to examine the nominalization of verbal stems morphologically and syntactically in the Kaingáng language (Jê family, stock Macro-Jê), resulting in action nominals. We demonstrate that, from the lexical point of view, action nouns refer to verbal activity and are the basis for other derivations in the language, such as the one that derives nouns of circumstances (place, instrument, and time). In syntactic terms, action nouns are employed in several functions: argument, modifier, a complement of a nominal predicate, and lexical core of constructions with auxiliary verbs. Although the Kaingáng language exhibits formal and functional

¹ Doutor em Linguística, Professor no Programa de Pós-Graduação de Estudos da Universidade Federal do Mato Grosso, maxwell.miranda@ufmt.br.

² Doutora em Linguística, professora no Programa de Pós-Graduação em Linguística, LIP-IL-UnB, pesquisadora PQ1D CNPQ. asacczoe@gmail.com.

³ Doutor em Linguística, Professor no Programa de Pós-Graduação Acadêmico em Letras (POSLET/Unifesspa). lucivaldo1974@gmail.com.

correspondences in the derivation of action nouns with the other Jê languages, there are notable differences that may correspond to the extensions of its uses to other syntactic contexts.

Keywords: Nominalization, Action nominal, Morphology, Syntax, Jê languages.

1.Introdução

Rodrigues (1999) considera ser a nominalização de temas verbais que resulta em nomes de ação uma característica ubíqua de línguas da família Jê (tronco Macro-Jê), cujo emprego abrange uma variedade de funções gramaticais, com destaque para o seu papel no sistema de marcação de caso presente nessas línguas. A regularidade do processo derivacional de nomes de ação por meio do nominalizador $-r(V)$ e seus alomorfes em línguas dos ramos setentrional e central é demonstrado por Rodrigues, Cabral e Miranda (2008). Apesar dos resultados obtidos, esse estudo não contemplou as línguas do ramo meridional, Kaingáng⁴ e Laklãnõ (Xokleng), as quais diferem de outras línguas Jê quanto aos contextos morfossintáticos em que nominalizações são tipicamente requeridas.

Em línguas Jê, nomes de ação de ação são usados tanto para fins lexicais quanto oracionais. De um ponto de vista morfológico, eles são derivados por meio de um sufixo nominalizador que é acrescido à bases verbais transitivas e intransitivas. Um traço morfológico notável desse nominalizador é sua abundante alomorfia, cuja distribuição não é sincronicamente previsível. Em termos sintáticos, nomes de ação são mais comumente usados em boa parte das orações subordinadas, em que nominalizações são prototipicamente esperadas para funcionar como núcleo de predicado. Em algumas línguas, além de ocorrerem em orações subordinadas, podem ser empregadas em orações independentes, caracterizando o que Evans (2007) chama de *insubordinação*. Para fins oracionais, existe um *continuum* de variação no seu uso em línguas Jê, que vai desde casos em que dependem estruturalmente de um elemento subordinante (Apinajé, Kĩsêdjê (Suyá), Mẽbêngôkre e Tapayuna) até aqueles em que podem ocorrer exclusivamente como expressão de aspecto, enquanto núcleo de orações independentes (Timbira e Panará).

⁴Um ponto fundamental considerado na presente análise é a vasta distribuição geográfica do povo Kaingáng, que está localizado desde o estado de São Paulo até o Rio Grande do Sul. Evidentemente, tal extensão geográfica dos territórios ocupados contribuiu para a diversificação dialetal (Wiesemann 1978) e variações concernentes não só ao léxico e à fonologia, mas também à morfologia e sintaxe devem ser consideradas no exame de aspectos gramaticais.

Outro contexto sintático em que essa nominalização emerge na maioria das línguas Jê em orações independentes modificadas por certos advérbios de modo e negação.

O presente artigo vem preencher uma lacuna nos estudos sobre nominalização em línguas Jê ao examinar a nominalização de nome de ação em Kaingáng, (*action nominals*, como proposto por Comrie (1976, 2011) e por Koptjevskaja-Tamm (1993), aproximando a sua forma e usos sintáticos ao descrito por Santos (1997), Costa (2003), Miranda (2010, 2014) e Cotrim (2016), respetivamente para as línguas Kĩsêdjê (Suyá), Xikrín do Cateté, Krahô e Xerente. Neste artigo, focalizamos também a associação dos nomes de ação ao sistema de marcação de caso da língua Kaingáng, o qual, embora seja do tipo cindido, como nas demais línguas Jê, apresenta algumas particularidades que a distingue das demais línguas da família.

A análise desenvolvida neste artigo difere fundamentalmente das análises propostas por Wiesemann (1978, 2011) para o dialeto do Paraná e por Cavalcante (1987) para o dialeto de São Paulo. Os dados que fundamentaram a nossa análise são da variedade Kaingáng falada no Paraná, extraídos de Wiesemann (2011), por ser a variedade mais amplamente documentada. O *corpus* é constituído apenas de verbos (transitivos e intransitivos) predominantemente singulares, por estes serem menos suscetíveis a outros processos morfológicos, que resultam em temas verbais supletivos ou reduplicados. Entretanto, nas situações em que não foi possível encontrar uma correspondência entre forma verbal singular vs. forma nominalizada (nome de ação), recorreu-se então a formas plurais.

O presente artigo está organizado nas seguintes seções. Na seção 1, apresentamos as bases e objetivos de nossa pesquisa. Na seção 2, fornecemos uma síntese da morfologia verbal do Kaingáng, tal como foi descrita por Wiesemann (1978, 2011) e Cavalcante (1987), destacando os critérios adotados por cada autora na análise de modificações morfológicas sofridas pelos radicais verbais. Na sequência, na seção 3 apresentamos uma análise alternativa às análises de Wiesemann e Cavalcante, demonstrando que as variações formais exibidas pelos radicais verbais em Kaingáng são, na realidade, manifestações de um processo de nominalização, cujas funções sintáticas são análogas às que têm sido descritas para outras línguas Jê. Na seção 4, discutimos os resultados, com ênfase no fato de que a regularidade da nominalização em Kaingáng corresponde tipológica e funcionalmente às demais línguas Jê, o que reforça a análise reconstrutiva de Rodrigues,

Cabral e Miranda (2008) de um nominalizador de nome de ação $*-r(V)$ para o Proto-Jê. Finalizamos o presente artigo ressaltando a relevância de estudos dessa natureza para uma compreensão mais integrada de fatos gramaticais comuns às línguas Jê de um modo geral.

2. Morfologia verbal do Kaingáng: uma síntese

Kaingáng é uma língua Jê (Macro-Jê) que, ao lado da língua Laklãnõ (Xokleng), constitui o ramo meridional dessa família (Rodrigues 1986, 1999). Seus falantes estão distribuídos e ocupam diferentes territórios nos estados de São Paulo, Paraná, Santa Catarina e Rio Grande do Sul, o que acarretou na formação de distintas variedades dialetais (Wiesemann 1978: 199-200; 2011: 6), ainda que elas tenham sido estabelecidas a partir de critérios eminentemente geográficos ao invés de linguísticos.⁵

As variações sofridas por certos verbos em sua forma foram percebidas por Wiesemann em seus primeiros estudos sobre o Kaingáng (1978:208), no qual identificou verbos com até quatro formas. Na segunda edição de seu dicionário, *Dicionário Kaingáng Português/Português-Kaingáng*, publicada em 1981, a autora propôs uma distribuição para tais verbos que ela chama de formas alternantes (Ibid.:270), segundo os diferentes contextos sintáticos em que ocorrem. Essa distribuição é mantida na versão mais atual de seu dicionário, publicada em 2011, a partir da qual baseamos o presente estudo. Tomamos como exemplo o verbo *fãn* ‘quebrar milho’, para o qual se distinguem as seguintes formas:

A forma v1. $\langle f\tilde{a} \rangle$ ocorre no fim das orações, pode apenas ser seguida por uma adição ou então por um indicador de opinião, inclusive o glotal $\langle -' \rangle$ como indicador de foco assertivo. É a forma neutra do verbo [...].

A forma v2. $\langle fa \rangle$ ocorre precedendo um pronome sujeito quando o indicador de aspecto é zero que é um tipo de passado. Também ocorre com $\langle v\tilde{e} \rangle$ ‘era para ser’ que pode se combinar com esta forma zero dos aspectos. Também ocorre precedendo o indicador de aspecto $\langle ra \rangle$ ‘faça agora!’. Nestas condições pode ser seguido por uma adição ou por um indicador de opinião. É outra forma neutra do verbo [...].

A forma básica $\langle f\tilde{a}n \rangle$ é a forma imperfectiva do verbo e ocorre:

⁵ Veja-se, por exemplo, a crítica de D’Angelis (2008) sobre essa classificação a partir das relações sócio-históricas entre populações Kaingáng falantes dessas variedades dialetais.

- precedendo os indicadores de aspecto <vê> ou <nê> ‘é’ et <-m nî> ‘faça aquilo qualquer tempo!’

- precedendo um sub. dep. [substantivo dependente], um verbo ou um indicador de modo em uma construção que funcione tal qual uma oração substantivada quando nessa construção não há nenhum indicador de aspecto;

- antes de <-nh> como indicador de intenção [...].

A forma v3. <fãg> é a forma perfectiva do verbo e ocorre com os indicadores de aspecto ainda não mencionados, ou pode preceder os indicadores de modo <tû> ‘negativo’ e <e> ‘muito’ [...] (Wiesemann 2011:163-164).

Embora Wiesemann (2011) mencione os contextos sintáticos nos quais verbos com formas alternantes se distribuem, ela não esclarece o que considera ser a forma neutra (v1) e a forma básica (v2) de verbos. Ainda que não esteja evidente na descrição de tais verbos, é possível inferir que as formas neutras (v1. *fã*, v2. *fa*) sejam aquelas sem qualquer modificação no tema verbal, exceto a desnasalização da vogal de v2, em comparação com as demais formas (forma básica *fãn*, v3. *fãg*).

Note-se ainda que as formas verbais são, em princípio, +/- marcadas morfológicamente e +/- condicionadas sintaticamente: as formas neutras não apresentam acréscimo de qualquer elemento ao seu radical e ocorrem em orações independentes aspectualmente não marcadas por verbos auxiliares, enquanto as formas marcadas aparecem com os elementos -n e -g (*fãn* e *fãg*) e ocorrem em orações marcadas para os aspectos imperfeito e perfectivo respectivamente.

Além do critério sintático, Wiesemann (2011:164) adota critérios fonológicos para agrupar os verbos, segundo (i) as alterações da vogal da forma básica, e (ii) propriedades fonético-fonológicas das vogais com as quais a forma básica termina, conforme é ilustrado no Quadro 1 abaixo.

Quadro 1. Distribuição das formas verbais em Kaingáng

1	2	3	4	5	6	
tu	fi	rĩ	fã	vé	kó	v1
			fa	ve	ko	v2
		rĩnh	fãn			bás.
	fig	rĩg	fãg	vég		v3

Os verbos do grupo 1 apresentam apenas uma forma, independente do ambiente sintático em que ocorrem. As formas verbais do grupo 2 contrastam v1, v2 e a forma básica com v3. A forma básica dos verbos desse grupo termina em uma das seguintes vogais <a> [a], <ã> [ã], <é> [ɛ], <ê> [ê], <i> [i], <î> [î], <u> [u], <ũ> [ũ], <y> [i], <ỹ> [ã]. Já os verbos do grupo 3 distinguem a forma básica de v1 e v2 (ambos com uma única forma) e também de v3. Nesse grupo, encontram-se verbos cuja forma básica termina em uma vogal nasalizada ou não nasalizada seguida de <n> [n] ou <nh> [ɲ], como <ãn>, <ãnh>, <én>, <énh>, <ên>, <ênh>, <in>, <inh>, <în>, <înh>, <un>, <unh>, <ũn>, <ũnh>, <yn>, <yinh>, <ỹn>, <ỹnh>. No grupo 4, incluem-se os verbos que contrastam quatro formas, e sua forma básica termina em <ãn>. Os verbos do grupo 5 não distinguem entre a forma básica e v2, mas diferem de v1 e v3. A principal alteração encontrada nesse grupo é a alternância vocálica, em que a forma básica termina em <a> [a], <á> [ɐ], <e> [e], <o> [o], <ó> [ɔ]. Por último, o grupo 6 abrange os verbos cuja forma básica, v2 e v3 opõem-se a v1, sendo marcados também pela alternância vocálica. A forma básica desse grupo termina nas mesmas vogais do grupo 5.

Considerando que a maior parte dos grupos de verbos proposta por Wiesemann (2011) opõe uma forma básica e v3 (grupos 2, 3, 4 e 5), é possível reduzir o conjunto de formas alternantes para apenas duas. Nesse caso, a forma v3 corresponde ao tema verbal marcado morfológica e sintaticamente, em que se pode depreender o morfema gramatical –g. Esta tem sido, por exemplo, a interpretação de Gonçalves (2011:35) a partir de variedades Kaingáng faladas no Rio Grande do Sul. Segundo a autora, “[...] alguns verbos podem ser expressos em uma referência temporal {–g}”. Embora concordemos com a autora quanto ao reconhecimento de uma função gramatical para esse morfema, não o tratamos como expressão morfológica de “referência temporal passada” (Ibidem), mas como um morfema derivacional, pelas seguintes razões: (i) os temas verbais marcados por ele não se restringem apenas a núcleos de predicados com verbos auxiliares, mas também assumem funções referenciais e atributivas, igualmente a outros nomes em Kaingáng; e (ii) morfemas cognatos do Laklãnô (Gakran 2015) desempenham função derivacional de nomes deverbais, os quais ocorrem em contextos sintáticos análogos ao do Kaingáng.

O trabalho de Cavalcante (1987), por sua vez, é uma das principais referências sobre o dialeto da língua Kaingáng falada em São Paulo, tendo se concentrado mais em aspectos relativos à fonologia do que à morfologia.

Na parte que trata de aspectos morfológicos do Kaingáng, inicialmente, a autora afirma que a língua “...não apresenta muitos processos morfológicos” (Cavalcante 1987:46). Ainda que a morfologia Kaingáng não seja o foco principal da autora, a descrição de alguns aspectos morfológicos tem como finalidade contribuir para a descrição da fonologia e levanta algumas questões fundamentais para a compreensão de processos morfológicos bastante recorrentes em ambas as línguas Jê Meridionais, assim como na família como um todo.

A análise morfológica proposta por Cavalcante (1987) parte da classe dos verbos, dos nomes e dos descritivos⁶. Na classe dos verbos, são observados três fatos principais: (i) processo de ativação, (ii) formação de plural, e (iii) alternância de certos temas verbais. Para os propósitos do presente artigo, nos restringiremos ao processo de ‘ativação’, que Cavalcante (1987: 46) define como a transformação de um verbo estativo em verbo ativo, manifestando-se formalmente por meio do sufixo *-n* ‘ativo’, o qual se “acrescenta sem outras alterações a raízes terminadas em vogais orais altas e nasais” (Ibid.:49), como é ilustrado nos exemplos em (1).

(1)	<i>ši</i>	‘velho’	<i>šin</i>	‘tornar velho’
	<i>phi</i>	‘semente’	<i>phin</i>	‘semear’
	<i>kutu</i>	‘surdo’	<i>kutun</i>	‘estar surdo’
	<i>tĩ</i>	‘andar’	<i>tĩn</i>	‘fazer andar’
	<i>mũ</i>	‘ir.PL’	<i>mũn</i>	‘mover.PL’
	<i>karã</i>	‘suor’	<i>karãn</i>	‘suar’

A esse conjunto de dados, incluem-se formas neutras (estativas), cujas raízes terminam em consoantes nasais e apresentam o mesmo sufixo *-n* na forma ativa (Ibid.:49).

(2)	<i>kɔšin</i>	‘filho’	<i>kɔšin</i>	‘dar à luz’
	<i>kron</i>	‘beber’	<i>kron</i>	‘dar de beber’
	<i>kiwɛɲ</i>	‘sangue’	<i>kiwɛɲ</i>	‘sangrar’
	<i>məɲ</i>	‘grande’	<i>məɲ</i>	‘tornar maior’

A fim de explicar tais casos, Cavalcante (1987:50) sugere que o sufixo *-n* é eliminado após consoante nasal, em que palavras como *kɔšin* ‘filho’ e *məɲ* ‘grande’ seriam o resultado da combinação de *kɔšin* + *-n* e *məɲ* + *-n*, produzindo as respectivas formas hipotéticas (*) **kɔšinn* e **məɲn*, com

⁶ Casos de alternância vocálica são reportados e examinados em substantivos e descritivos (Cavalcante 1987: 87-90), embora o tratamento dispensado a eles seja menor que àquele verificado com verbos.

posterior apagamento na consoante nasal final. Esse processo é formalizado pela seguinte regra fonológica.

$$\left(\begin{array}{c} +\text{CNS} \\ +\text{NAS} \end{array} \right) \longrightarrow \emptyset / \left(\begin{array}{c} +\text{CNS} \\ +\text{NAS} \end{array} \right) _____\#$$

Formas neutras terminadas em aproximantes /ɾ/, /y/ e /w/, por sua vez, correspondem à consoantes nasais homorgânicas na forma ativa, como nos dados em (3).

(3)	<i>wir</i>		‘dado’, ‘colocado’(PL)	<i>win</i>
	‘dar’, ‘colocar’ (PL)			
	<i>tinir</i>		‘moído’	<i>tinin</i> ‘moer’
	<i>nõr</i>		‘dormir’	<i>nõn</i> ‘fazer dormir’
	<i>kẽy</i>		‘cesta’	<i>kẽp</i> ‘carregar em
				cesta’
	<i>roy</i>		‘cabelo curto’	<i>roɲ</i> ‘cortar
				curto o cabelo’
	<i>kiw</i>		‘cortado’	<i>kim</i> ‘cortar’
	<i>kõw</i>		‘poeira	<i>kõm</i> ‘fazer
				poeira’

Nesses casos, a autora explica que as consoantes aproximantes finais se nasalizam diante do sufixo *-n* que, em seguida, é eliminado, mediante a aplicação da regra fonológica proposta acima, em que verbos como *win* e *kim* são o produto das seguintes derivações: *wir* + *-n* : **wirn* : **winn* : *win*; *kiw* + *-n* : **kiwn* : **kimn* : *kim*.

Já as formas neutras terminadas em vogais diferem bastante quanto às formas ativas, cujas consoantes nasais divergem em termos fonéticos do sufixo *-n*. Nesse conjunto, estão incluídos os seguintes dados:

(4)	<i>sã</i>	‘pendurado’	<i>sãm</i>	‘pendurar’
	<i>ɲe</i>	‘entrar.PL’	<i>ɲem</i>	‘fazer entrar.PL’
	<i>nĩɸe</i>	‘fechado’	<i>nĩɸeɲ</i>	‘fechar’
	<i>ɲru</i>	‘aceso’	<i>ɲruɲ</i>	‘acender’
	<i>krẽ</i>	‘ovo’	<i>krẽɲ</i>	‘botar ovos’

A alternativa proposta para dar conta desses casos é a postulação da

existência de uma consoante surda final na representação fonológica da palavra, a qual seria nasalizada diante do sufixo *-n*, sendo este eliminado posteriormente como observado nos demais casos. Desse modo, raízes como *ɲe* e *krẽ* teriam as formas **ɲep* e **krẽk* na representação fonológica, às quais o sufixo *-n* seria acrescido, aplicando-se as respectivas regras subsequentes: **ɲep + -n : *ɲepn : *ɲemn : *ɲem*; **krẽk + -n : *krẽkn : *krẽɲn : *krẽɲ*.

O último conjunto de raízes verbais compreende aquele em que são observadas alternâncias vocálicas sistemáticas entre a forma neutra e forma ativa. Em (5), apresentamos alguns exemplos ilustrativos dessas alternâncias.

(5)	<i>pãte</i>	‘atrás’	<i>pãten</i>	‘ultrapassar’
	<i>nĩfe</i>	‘fechado’	<i>nĩfɛɲ</i>	‘fechar’
	<i>kɔɲər</i>	‘pintado’	<i>kɔɲan</i>	‘pintar’
	<i>pãno</i>	‘torto’	<i>pãnɔn</i>	‘entortar’
	<i>φo</i>	‘pus’	<i>φɔm</i>	‘criar pus’
	<i>φor</i>	‘jogado fora’	<i>φɔn</i>	‘jogar fora’
	<i>ɲoy</i>	‘água’	<i>ɲɔɲ</i>	‘dar água’
	<i>mɾer</i>	‘molhado’	<i>mɾãn</i>	‘molhar’
	<i>ma</i>	‘carregando coisa curta’	<i>mãn</i>	‘carregar coisa curta’
	<i>φɔr</i>	‘cheio’	<i>φãn</i>	‘encher’
	<i>ɲɔw</i>	‘quebrado’	<i>ɲãm</i>	‘quebrar’

Para explicar a alternância das vogais entre a forma neutra e a ativa, Cavalcante (1987:53-54) baseia-se na análise que Rodrigues (1981) realizou sobre fenômeno similar para o dialeto do Kaingáng do Paraná. Rodrigues (1981) postulou que as vogais /e/, /ə/ e /o/ são convertidas nas suas correspondentes baixas [ɛ], [a] e [ɔ], e estas na vogal nasalizada baixa [ã], em três situações morfológicas distintas, que são: (a) na derivação da forma dependente do nome, (b) na derivação da forma causativa do verbo, e (c) na derivação do tema verbal 2.⁷ Os dados em (6), (7) e (8) fornecidos por Rodrigues (1981:327-328) mostram a alternância vocálica em cada um dos contextos mencionados.

⁷ Segundo Wiesenman (2011:164), os verbos do grupo 2 apresentam alternância vocálica quando ocorrem em certos ambientes sintáticos e sua forma básica termina em <ã>, <é> [ɛ], <ê>, <i>, <ɪ>, <u>, <ũ>, <y> [i] e <ỹ> [ɜ̃], isto é, em vogais orais altas e vogais nasalizadas.

- (6) Forma independente Forma dependente
- | | | |
|------------|-----------|------------|
| <i>kre</i> | ‘quadril’ | <i>kre</i> |
| <i>hə</i> | ‘corpo’ | <i>ha</i> |
| <i>φo</i> | ‘pus’ | <i>φo</i> |
| <i>kre</i> | ‘toca’ | <i>krã</i> |
| <i>ka</i> | ‘árvore’ | <i>kã</i> |
| <i>pɔ</i> | ‘pedra’ | <i>pã</i> |
- (7) Forma não causativa Forma causativa
- | | | | |
|-------------|---------------------|--------------|-----------------|
| <i>ter</i> | ‘morrer’ | <i>ten</i> | ‘matar’ |
| <i>kɔŋə</i> | ‘ter manchas’ | <i>kɔŋan</i> | ‘fazer manchas’ |
| <i>φor</i> | ‘(ser) jogado fora’ | <i>φɔn</i> | ‘jogar fora’ |
| <i>mrer</i> | ‘(estar) molhado’ | <i>mrãn</i> | ‘molhar’ |
| <i>ma</i> | ‘(ser) carregado’ | <i>mãn</i> | ‘carregar’ |
| <i>φɔr</i> | ‘(estar) cheio’ | <i>φãn</i> | ‘encher’ |
- (8) Tema 1 Tema 2
- | | | |
|--------------|-----------------|--------------|
| <i>we</i> | ‘ver’ | <i>we</i> |
| <i>yãkə</i> | ‘soprar o fogo’ | <i>yãka</i> |
| <i>ko</i> | ‘comer’ | <i>kɔ</i> |
| <i>rɛ</i> | ‘deixar atrás’ | <i>rã</i> |
| <i>φa</i> | ‘lavar roupa’ | <i>φã</i> |
| <i>wɛŋwɔ</i> | ‘correr’ | <i>wɛŋwã</i> |

Rodrigues (1981) explica esse processo em termos fonéticos, em que “[T]anto a ampliação da caixa de ressonância oral, quanto a adição da ressonância nasal contribui, do ponto de vista acústico, para a maior compacidade das vogais” (Ibid.:329), ou seja, à medida que a abertura da cavidade oral é diminuída, o grau de altura das vogais seria reduzido. Além da diminuição da cavidade oral, o acréscimo de ressonância nasal favoreceria o abaixamento das vogais para um nível imediatamente inferior que as torna fonética e acusticamente mais compactas.

Voltando a Cavalcante (1987), alguns pontos do seu trabalho são pertinentes à análise que propomos sobre a nominalização em Kaingáng. Em primeiro lugar, as raízes submetidas ao processo de ‘ativação’ não são distinguidas do ponto de vista lexical, sendo todas tratadas como ‘verbos estativos’, como *φi* ‘semente’/‘semear’, *kɔʃin* ‘filho’/‘dar à luz’, *krẽ* ‘ovo’, *ŋoy* ‘água’, para citar alguns exemplos. Entretanto, esses radicais se comportam essencialmente como nomes e não como verbos, mas podem ser submetidos

a processos derivacionais, por exemplo, causativização. É importante ainda destacar que o processo de ‘ativação’ descrito por Cavalcante (1987) na variedade dialetal falada em São Paulo, foi interpretada por Rodrigues (1981) com respeito ao dialeto do Paraná como “derivação da forma causativa do verbo”, como mostrado em (7). Portanto, é sugestivo que a abundante alomorfia encontrada em Kaingáng na derivação de formas verbais ativas corresponda, na realidade, a diferentes processos derivacionais acionados por morfemas homófonos.⁸

Em segundo lugar, boa parte dos radicais mostrados de (1) a (5), apresentam propriedades morfológicas e sintáticas típicas de argumentos e de modificadores, que se incluem lexicalmente na classe de nomes e adjetivos. Apesar dos contrastes formais evidentes em ambas formas básicas e derivadas, é necessário um exame mais detalhado do seu comportamento em construções oracionais, a fim de avaliar os ambientes sintáticos que prototipicamente requerem nomes ou verbos.

3. Nominalização em Kaingáng: uma análise alternativa

Rodrigues, Cabral e Miranda (2008) propuseram que nomes de ação em línguas Jê dos ramos setentrional e central são derivados por meio de um dos seus alomorfes (*-j*, *-k*, *-n*, *-ɲ*, *-m*, *-t* ou *-Ø*) do nominalizador *-r(V)*. Nesta seção, mostramos que a língua Kaingáng também apresenta morfema e respectivos alomorfes cognatos desse nominalizador encontrado nas demais línguas dessa família. A análise que propomos fundamenta-se em critérios morfológicos (subseções 3.1) e sintáticos (subseções 3.2 e 3.3). Outras derivações lexicais na língua podem ser obtidas a partir de nomes de ação, tal como é discutido na subseção 3.4.

3.1 Derivação de nomes de ação

Em Kaingáng, um número razoável de radicais verbais apresenta um contraste formal dependendo da função sintática que exercem na oração. A principal distinção reside entre formas que funcionam como verbos plenos

⁸ Em Kaingang, um desses processos derivacionais é a causativização morfológica que se aplica a nomes e verbos (verbos intransitivos e transitivos) por meio de diferentes morfemas, entre os quais o sufixo *-g*. Isto pode ser visto a partir do par de verbos *rã* ‘entrar.SG’, ‘começar’, ‘estar perto de’ que tem como contraparte transitiva (causativa) *rã-g* ‘guardar.SG’, ‘fazer entrar.SG’ (Wiesemann 2011:77). Na derivação de nomes de ação, contudo, há o morfema *-g* que é um dos alomorfes do nominalizador, como é mostrado a partir dos dados em (10). Portanto, ambos exercem funções lexicais e gramaticais distintas na língua.

e aquelas que exercem funções sintáticas típicas de nomes, modificadores destes ou ainda complemento de predicados nominais. Na função de argumentos de predicados, como sujeito e objeto (direto e indireto), nomes de ação não diferem de radicais lexicalmente nominais na língua. Os dados de (9) a (13) mostram tal contraste que opõe, de um lado, verbos e, por outro, formas derivadas destes a partir do acréscimo de um elemento que os converte em nomes de ação (*action nominals*) (Comrie 1976, 2011; Comrie & Thompson 2007; Koptjevskaja-Tamm 1993).

- | (9) | VERBO | | NOME DE AÇÃO |
|------|---------------|----------------------------------|---|
| | <i>grón</i> | ‘amassar’ | <i>gró-r</i> ‘massa’, ‘amassado’ |
| | <i>jăn</i> | ‘rasgar.SG’ | <i>ja-r</i> ‘rasgado’ |
| | <i>jăján</i> | ‘pendurar’ | <i>jăjá-r</i> ‘pendurado’ |
| | <i>jăgsun</i> | ‘moquear’ | <i>jăgsu-r</i> ‘moqueado’ |
| | <i>kujén</i> | ‘estender’ | <i>kuje-r</i> ‘estendido’, ‘lençol’ |
| | <i>kurÿn</i> | ‘costurar’ | <i>kurÿ-r</i> ‘costura’ |
| | <i>kusin</i> | ‘assar no fogo’ | <i>kusi-r</i> ‘assado no fogo’ |
| | <i>věkrěn</i> | ‘chorar’, ‘queixar-se’, ‘gritar’ | <i>věkrě-r</i> ‘choro’, ‘queixa’, ‘grito’ |
| (10) | <i>par</i> | ‘tingir’ | <i>pra-g</i> ‘tinta’ |
| | <i>ny</i> | ‘rir’ | <i>ny-g</i> ‘risada’ |
| (11) | <i>mranh</i> | ‘quebrar.SG’ | <i>mrá-j</i> ‘quebrado.SG’ |
| | <i>nénh</i> | ‘cozinhar.SG’ | <i>ne-j</i> ‘cozido.SG’ |
| | <i>rÿnh</i> | ‘machucar.SG’ | <i>rÿ-j</i> ‘machucado.SG’ |
| | <i>ronh</i> | ‘cortar o cabelo bem curto’ | <i>ro-j</i> ‘cortado bem curto’ |
| (12) | <i>kajâm</i> | ‘pagar, comprar’ | <i>kajã-v</i> ‘pago’ |
| | <i>kănîm</i> | ‘remendar’, ‘guardar dentro’ | <i>kănî-v</i> ‘remendo’, ‘estar ali’ |
| | <i>nám</i> | ‘esmagar’, ‘estourar’ | <i>ná-v</i> ‘arrebentado’, ‘esvaziado’ |
| | <i>sam</i> | ‘pendurar’, ‘pescar’ | <i>sá-v</i> ‘pendurado (peixe no anzol)’ |
| (13) | <i>grăg</i> | ‘assar carne.SG’ | <i>gră-Ø</i> ‘assado.SG’ |
| | <i>jăkén</i> | ‘inclinar’ | <i>jăké-Ø</i> ‘inclinado’ |
| | <i>ryg</i> | ‘rachar’ | <i>ry-Ø</i> ‘rachado’ |
| | <i>văjăg</i> | ‘misturar’ | <i>văja-Ø</i> ‘mistura’ |

Além das diferenças morfológicas, ambos radicais são usados em contextos sintáticos bem definidos, o que demonstra a natureza derivacional do processo de mudança de estatuto lexical. Em (14a) e (15a), os verbos *kusin* ‘assar’ e *jăján* ‘pendurar’ ocorrem como núcleo lexical de predicados verbais, ao passo que em (14b) e (15b), as contrapartes nominais desses verbos funcionam como modificador do objeto direto e complemento de predicado nominal respectivamente.

- (14a) pránh gru ki ěg tóg nén nĩ kusin tĩ
 carvão chama LOC 1PL NOM INDEF carne assar AUX.IMPERF
 ‘Assamos carne na brasa.’ (dado adaptado de Wiesemann 2011:74)
- (14b) ker kasor ã=tũ kusi-r mã!
 adv cachorro 2SG=coisa assar-NMLZ pegar.OBJ.LONGO
 Cuidado para que o cachorro não pegue a sua carne assada! (dado adaptado de Wiesemann 2011:56)
- (15a) ã=*kur* *jāján* *ra*!
 2SG.POSS=roupa pendurar imp
 ‘Pendure sua roupa!’ (dado adaptado de Wiesemann 2011:29)
- (15b) *fĩ=kur* *jājá-r* *vě*
 3SG.POSS.FEM=roupa pendurado-NMLZ AUX.ESTAT
 ‘O que está pendurado lá é a roupa dela.’ (Ibidem)

Ao contrário das análises anteriores, interpretamos esse elemento como um nominalizador de nomes de ação em Kaingáng, de modo análogo ao que temos identificado e analisado para outras línguas Jê. A língua Kaingáng, contudo, difere das dessas línguas em razão da maioria de seus radicais que apresentam tal contraste formal terminarem em consoante, eliminando-a ao serem nominalizados. Já nas demais línguas da família, os radicais verbais terminados em vogal são os mais suscetíveis de receber o morfema nominalizador, ao passo que para aqueles terminados em consoante é postulado um morfema zero {Ø}. Em Kaingang, há ainda casos em que a perda da consoante final do radical corresponde à forma nominalizada, como é ilustrado em (13).

Com base nessa análise, inversamente ao que Cavalcante (1987) propôs, não haveria um processo de ativação do tema verbal estativo pelo sufixo *-n*, o qual abrangeria apenas uma parcela de itens lexicais em comparação com outros casos. Esta consoante é parte do radical e que, consequentemente, é eliminada em fronteira de morfema, isto é, ao ser acrescido o nominalizador *-r* ou um de seus alomorfes, em face dos contextos sintáticos específicos em que nomes de ação ocorrem ($C \rightarrow \emptyset / __ + r$).

Em línguas Jê, o nominalizador de nome de ação apresenta um número considerável de alomorfes, cuja distribuição é sincronicamente imprevisível. Rodrigues, Cabral e Miranda (2008) consideraram o sufixo *-r(V)* como o morfema básico em Jê setentrional e central, dada sua frequência e

regularidade na maior parte dos membros da família, mas observaram a existência de alomorfes desse morfema, tais como $-k$, $-j$, $-m$, $-n$, $-ɲ$, $-t$ e $-\emptyset$. Em Kaingáng, tal nominalizador apresenta alomorfia semelhante às demais línguas da família, principalmente com aquelas do ramo setentrional. Além do nominalizador $-r$, há a ocorrência dos alomorfes $-g$, $-j$, $-v$ [w] e $-\emptyset$, conforme mostrado nos exemplos de (9) a (13).

Processos fonológicos podem sobrepor-se à nominalização, resultando em distinções submorfêmicas. Uma característica peculiar da fonologia da língua Kaingáng é a alternância vocálica que alguns temas verbais sofrem, como foi discutido na seção 1, que se reflete diretamente no processo de nominalização. As vogais médias abertas orais $\langle é \rangle$ [ɛ] e $\langle ó \rangle$ [ɔ] ou central baixa nasal $\langle ã \rangle$ [ã] de alguns radicais verbais realizam-se foneticamente como vogais médias fechadas $\langle e \rangle$ [e] e $\langle o \rangle$ [o] ou central baixa oral $\langle á \rangle$ [ə] em suas contrapartes nominalizadas, como ilustram os exemplos abaixo.

- (16a) fi tỹ vãhã rãgró nénh ke nẽ ha
3sg.fem OBL agora feijão cozinhar FUT AUX.IMPERF agora
'Agora ela vai começar a cozinhar o feijão.' (dado adaptado de Wiesemann 2011:65)

- (16b) rãgró ne-j vẽ
feijão cozinhar-NMLZ AUX.ESTAT
'É feijão cozido.' (dado adaptado de Wiesemann 2011:64)

- (17a) gār tỹ êkór tótón ěg tĩ, farĩnh han jé
milho instr azedado torrar 1PL AUX.IMPERF farinha fazer FINLD
'Torramos o milho azedado (na água) para fazer farinha.' (dado adaptado de Wiesemann 2011:88)

- (17b) ěmĩ tóto-r vỹ, ko há tĩ, porko nĩ to
farinha torrar-NMLZ TOP comer bom AUX.IMPERF porco carne LOC
'A farinha (de milho) torrada é muito gostosa com carne de porco.' (dado adaptado de Wiesemann 2011:88)

- (18a) ã=mỹ ã=kur jãn tũ?
2SG=INT 2SG.POSS=roupa rasgar NEG
'Você não rasgou a sua roupa?' (dado adaptado de Wiesemann 2011:29)

- (19b) ã=kur mỹ ja-r tũ nĩ?
2SG.POSS=roupa int rasgar-NMLZ NEG AUX.IMPERF
'Será que sua roupa não está rasgada?' (dado adaptado de Wiesemann 2011:28)

Há ainda temas verbais que apresentam a substituição total da vogal

quando esta opõe formas verbais plenas e formas nominalizadas (nomes de ação). Um exemplo ilustrativo desse caso é o verbo *mrãn* ‘molhar’ (20a), cujo nome de ação é *mrér* ‘molhado’ (20b).

- (20a) *ẽg=ĩn* *kórég* *nĩn* *kỹ* *ta* *tóg*
 1PL.POSS=casa velha AUX.IMPERF COND chuva NOM
- ẽg* *mrãn* *tĩ*
 1PL molhar AUX.IMPERF
- ‘Se a nossa casa for velha, a chuva nos molha.’ (dado adaptado de Wiesemann 2011:61)
- (20b) *ti=kur* *mré-r* *tu* *kỹ* *tóg* *jẽ* *ver*
 3SG.MASC=roupa molhar-NMLZ vestir então 3sg.anaf aux.imperf ADV
- ‘Ele ainda está vestido com a sua roupa molhada.’ (dado adaptado de Wiesemann 2011:62)

Embora a alternância vocálica afete radicais que distinguem formas verbais plenas de formas nominalizadas (nomes de ação), entre as línguas Jê, observamos casos similares de alternância ou mudança de vogal do tema verbal ao ser nominalizado. Em Krahô (Timbira), por exemplo, a vogal baixa central oral /a/ de verbos como *-wa* ‘banhar’, *-kwa* ‘pegar.PL’ e *-kakwa* ‘misturar.PL’ se realiza como [ə] nas formas nominalizadas *-wə-r*, *-kwə-r* e *-kakwə-r* respectivamente. Em outros casos, essa vogal muda para [ɔ] em verbos como *ape* ‘trabalhar’ e *api* ‘subir’, os quais apresentam as contrapartes nominalizadas *-əpe-n* e *-əpi-r* (Miranda 2014). Logo, ambos processos morfofonológicos podem ser considerados um subproduto da nominalização de radicais verbais, visto que o que conta como oposição gramatical é a presença do nominalizador *-r* ou um de seus alomorfes.⁹

⁹ Há, contudo, o verbo *kó* [kɔ]/*ko* ‘comer’, exemplos (a) e (b), cuja alternância vocálica consiste no único dispositivo formal para distinguir a forma verbal de sua respectiva forma nominalizada. Uma evidência favorável a essa interpretação advém da função de complemento nominal que *ko* assume no exemplo (b). Wiesemann (2011:47), por sua vez, traduz *ko há* como ‘comestível’, ‘saboroso’, o que seria de algum modo compatível com as propriedades nominais exibidas por esse constituinte na sentença.

kujé *tỹ* *kó!*
 colher INSTR comer
 ‘Coma com uma colher!’ (dado adaptado de Wiesemann 2002: 54)

(b) *krén* *kanẽ* *tóg* *ko* *há* *tĩgtĩ*
 amora fruta NOM comer.NMLZ boa AUX.HAB
 ‘A fruta da amora é boa de comer.’ (dado adaptado de Wiesemann 2011:50)

Entre as possibilidades pelas quais a nominalização se manifesta em Kaingáng, há aqueles radicais verbais que não apresentam qualquer modificação em ambas as formas e podem ser usadas tanto como verbos quanto nomes. Para tais casos, como em (21), postulamos a existência de um alomorfe $-\emptyset$ do morfema nominalizador, adotando-se o mesmo procedimento em (13), ainda que estes envolvam a perda de um segmento fonológico do respectivo tema verbal quando são convertidos em nomes de ação.

(21)	RADICAL	VERBO	NOME DE AÇÃO
	<i>jẽnger(-$\emptyset$)</i>	‘respirar’	‘respiração’
	<i>kuhur(-$\emptyset$)</i>	‘tossir’	‘tosse’
	<i>kyvénh(-$\emptyset$)</i>	‘sangrar’	‘sangue’
	<i>ne(-$\emptyset$)</i>	‘enterrar’	‘enterrado’
	<i>rãnhřâj(-$\emptyset$)</i>	‘trabalhar’	‘trabalho’
	<i>vãgfy(-$\emptyset$)</i>	‘trançar.PL’	‘tranças’, ‘artesanato’
	<i>vãju(-$\emptyset$)</i>	‘fumar’	‘fumo’

Os radicais pertencentes a esse grupo podem cumprir tanto funções argumentais ou atributivas quanto podem ser núcleo de predicados com verbos auxiliares, como ser visto nos seguintes exemplos.

(22b)	<i>ũn</i>	<i>sĩ</i>	<i>vỹ</i>	<i>vãhã</i>	<i>jẽnger</i>	<i>téj</i>	<i>han</i>	<i>mãn</i>	<i>ha</i>
	indef	pequeno	TOP	ADV	respiração	comprido	melhorar	outra.vez	adv
	‘A respiração da criança já está boa novamente.’ (dados adaptados de Wiesemann 2011:31)								

(22b)	<i>jẽnger</i>	<i>ti</i>	<i>mũ</i>	<i>ha</i>
	respirar	3SG.MASC	aux.perf	ADV
	‘Ele está respirando agora.’ (dado adaptado de Wiesemann 2011:31)			

Entre as línguas da família Jê, no entanto, não é incomum a existência de certos radicais ambivalentes, isto é, os que funcionam como verbos e nomes de ação. Em Xavante, por exemplo, as palavras *danho’re* e *dadzada* podem funcionar ambos como verbos ‘cantar’ e ‘queimar’, quanto como nomes de ação, respectivamente, ‘canto’ e ‘queimadura’ (Lachnitt 2003:20, 90) Apesar de sua frequência ser relativamente baixa, é provável que a ocorrência de tais radicais ambivalentes sejam o produto de lexicalizações que se cristalizaram em maior ou menor grau em cada língua.

No conjunto de radicais verbais semanticamente relacionados, podemos ainda incluir aqueles cuja forma nominal é uma forma supletiva, motivada pela finitude da oração em que ocorrem. Desse modo, para os

verbos *kã'ĩ* ‘cheirar’ e *krãn* ‘semear’, ‘plantar’, têm-se os nomes de ação correspondentes *ger* ‘cheiro’ e *kré* ‘plantação’, mas temas como *nón* e *róm*, ambos transitivos singulares com o significado de ‘abrir’,¹⁰ com seus equivalentes nominais *no-r* ‘abertura’ e *ro-v* ‘aberto’, podem apresentar radical supletivo com contorno semântico específico, como é o caso de *gu* ‘abertura pequena’ (Wiesemann 2011:103). Formas supletivas totais ou parciais correspondentes à forma nominal de verbos são frequentemente mencionadas na literatura Jê, como em Santos (1997:72), com respeito ao Kĩsêdjê (Suyá), em que o verbo *pəy* ‘chegar’ apresenta como nome de ação a forma *pot*.

3.2 Contextos sintáticos das nominalizações

Os contextos sintáticos em que nominalizações ocorrem em Kaingáng parecem ser mais amplos do que é comumente visto em línguas da família Jê como um todo e, até certo ponto, em comparação com o Laklãnô, língua com a qual é mais próxima genealógicamente. Nomes de ação em Kaingáng ocorrem como: (i) argumento, (ii) modificador de argumento, (iii) complemento de predicado nominal, e (iv) núcleo lexical de construções com verbos auxiliares.

Igualmente a outros nomes referenciais, nomes de ação podem ser usados em uma função argumental, dada a característica prototípica de denotar a ação ou evento ao qual eles se relacionam. Os seguintes exemplos mostram a ocorrência deles em função argumental, por exemplo, *ky-v* ‘corte’ e *vêkrẽ-r* ‘choro’, ‘queixa’, ‘grito’, ambos como sujeito em (23a) e (23b), e *kãmu-r* ‘medida’ como objeto direto em (23c), derivados respectivamente dos verbos *kym*, *vêkrẽn* e *kãmun* respectivamente.

- (23a) [inh=kur ky-v tag] vỹ kaja e tĩ
 1SG.POSS=roupa cortar-NMLZ DEM TOP caro adv AUX.IMPERF
 ‘Este corte para roupa que comprei é muito caro.’ (Lit. Este corte da roupa é muito caro)
 (dado adaptado de Wiesemann 2011: 59)

- (23b) [fi=vêkrẽ-r] tóg mẽ há tĩ
 3SG.FEM=chorar-NMLZ nom escutar adv AUX.IMPERF
 ‘Dá para ouvir de longe o choro dela.’ (Lit. O choro dela escuta bem) (dado adaptado de Wiesemann 2011:95)

¹⁰ O verbo ‘abrir’, quando usado intransitivamente, apresenta a forma *vym*. Ao que parece, a transitividade pode ser considerada um fator sintático fundamental que incide sobre a supleção de temas verbais.

- (23c) ti mÿ sóg [êpÿ ěn kâmu-r] han | huri
 3sg.masc DAT 1sg.nom roça dem medir-NMLZ fazer | já
 ‘Já tirei a medida da roça dele.’ (Lit. Para ele, eu já fiz a medida daquela roça) (dado adaptado de Wiesemann 2011:43)

Em função atributiva, nomes de ação modificam argumentos, sejam eles sujeito ou objeto direto. Nessa função, eles seguem imediatamente o argumento modificado, como é exemplificado em (24).

- (24a) kófa vÿ [fág tyny-r] hã ko tĩ,
 velho TOP pinhão moer-NMLZ só comer aux.imperf
- ti tÿ já tũ nĩ-n kÿ
 3sg.masc INSTR dente NEG estar.sentado-NMLZ SUBORD
 ‘O velho só come pinhão moído, porque não tem mais dentes.’ (dado adaptado de Wiesemann 2011:95)
- (24b) [sãpe kurÿ-r] kato tóg nĩm¹¹
 chapéu costurar-NMLZ em.troca.de 3SG.NOM dar.presente
 ‘Ele vendeu em troca de chapéus costurados.’ (dado adaptado de Wiesemann 2011:56)

Além de funcionar como argumentos, nomes de ação podem ser usados como complemento de predicados nominais. Nesse contexto, os predicados nominais têm como núcleo verbos auxiliares, como por exemplo, o estativo *vẽ*, os verbos posicionais *jẽ* ‘estar.em.pé’, *nĩ* ‘estar.sentado’ ou *nÿ* ‘estar.deitado’, ou ainda o verbo *tĩ* ‘ir.sg’, como é indicado em (25). Em Kaingáng e Laklãnõ, tais verbos auxiliares, exceto o estativo *vẽ/vã*, desenvolverem-se a partir de verbos posicionais e de movimento, que servem como principal mecanismo gramatical para exprimir diversos valores aspectuais. A seleção de alguns desses verbos depende das percepções cognitivas e experiências socioculturais do(s) falante(s) relativas à posição das entidades envolvidas na realização do evento (Cabral et al 2018), conforme mostramos nos exemplos em (35a) e (35b).

¹¹ O verbo *nĩm*, traduzido no exemplo (24b) como ‘vender’ é definido por Wiesemann (2011:66) como “dar uma coisa não comprida (de presente)”, enquanto mais adiante (p. 148) para o verbo ‘vender’ são registradas as formas *vẽne he* e *vãvãm.PL*. Na realidade, o verbo *nĩm* faz parte de um conjunto de verbos classificatórios que especificam certas propriedades semânticas do sujeito de verbos intransitivos e do objeto de verbos transitivos que selecionam. Verbos classificatórios são comuns em várias línguas da América do Norte, nas quais têm sido extensivamente descritos desde o trabalho de Haas (1948).

- (26a) *râgró* *ne-j* *vê*
 feijão cozinhar-NMLZ AUX.ESTAT
 ‘É feijão cozido.’ (Lit. O feijão está cozido) (dado adaptado de Wiesemann 2011:64)

- (26b) *inh=kur* *né* *kógu-r* *nĩ* *há*
 1SG.POSS=roupa caixa amassar-NMLZ AUX.IMPERF ADV
 ‘Minha roupa ficou amassada.’ (dado adaptado de Wiesemann 2011:48)

Nomes de ação podem ocorrer como parte de construções com verbos auxiliares, das quais eles são núcleos lexicais. Construções desse tipo diferem daquelas em (25a-b) por designar eventos e não atributos. Em (27), o nome de ação *pũ-r* ‘queimado’ é derivado do radical verbal transitivo singular *pũn*, e a oração da qual ele faz parte tem como núcleo sintático o verbo auxiliar perfectivo *mũ*.

- (27) *inh=ĩn* *vỹ* *pũ-r* *mũ*
 1SG.POSS=casa NOM queimar-NMLZ AUX.PERF
 ‘Minha casa queimou.’ (dado adaptado de Wiesemann 2011:76)

4.4 Sintaxe interna de construções com nomes de ação

Na literatura sobre nominalizações, especialmente, nomes de ação, há concordância de que o ambiente sintático em que ocorrem é essencialmente a de um sintagma nominal e como tal exercem as mesmas funções na sentença (Comrie & Thompson 2007; Comrie 1976, 2011; Koptjevskaya-Tamm 1993). A sintaxe interna de construções com nomes de ação em Kaingáng difere de outras línguas Jê em razão das diversas funções sintáticas que desempenham. Essas diferenças residem principalmente no que concerne à (i) marcação possessiva e (ii) expressão do argumento externo de radicais transitivos em um sintagma oblíquo.

Em relação à marcação possessiva, a maioria das línguas Jê dispõem de duas séries pronominais (nominativa vs. absoluta), que diferem entre si quanto às funções sintáticas na sentença e os tipos de predicados em que ocorrem. A série nominativa codifica apenas o argumento sujeito de verbos intransitivos (S) e transitivos (A) de orações independentes, ao passo que a série absoluta abrange a marcação do objeto direto (O) dessas orações, de argumentos S/O de orações subordinadas, do complemento de posposições e do possuidor de sintagmas possessivos. O Kaingáng apresenta, contudo,

sol NOM chegar-NMLZ AUX.PERF adv
 ‘O sol está nascendo.’ (dado adaptado de Wiesemann 2011:35)

O exemplo (30) é ilustrativo dessa assimetria quando comparado com os dados em (37). Em sintagmas possessivos com nomes inalienáveis e alienavelmente possuídos ¹², nota-se que não há diferenças na marcação possessiva de nomes de ação em termos estruturais, como mostram os seguintes exemplos.

(31a) inh=mỹnh fi vỹ hur tũg
 1SG.POSS=mãe FEM NOM ADV falecer
 ‘Minha mãe já faleceu.’ (dado adaptado de Wiesemann 2011: 63)

(31b) inh=kyfê kren inh
 1SG.POSS=faca perder 1SG
 ‘Perdi a minha faca.’ (dado adaptado de Wiesemann 2011:50)

A marcação oblíqua do argumento externo de radicais transitivos, equivalente ao argumento A de predicados verbais, está intimamente relacionada com construções que têm nomes de ação como núcleo, embora não exclusivamente. Na família Jê, existe uma linha divisória com respeito aos marcadores do argumento externo (Miranda & Costa 2019). Em línguas dos ramos setentrional e central, esse argumento é marcado pela posposição genitiva *te/te/re/je* ou *hẽ* em Panará, enquanto nas línguas meridionais ele é marcado pela posposição instrumental *tỹ/tõ*, que expressa também o genitivo e o translativo (Gakran 2015). Em Kaingang, a marcação oblíqua do argumento externo pela posposição instrumental *tỹ* restringe-se às orações independentes no aspecto estativo (32a-b), predicados nominais (33), e a alguns tipos de orações subordinadas (34).

(32a) [fi tỹ] êgóro mre-Ø vẽ
 3SG.FEM OBL legumes catar-NMLZ AUX.ESTAT

¹² No domínio das relações de posse, a língua Kaingáng não distingue formalmente a posse de nomes inalienáveis daqueles alienavelmente possuídos, sobretudo itens da cultura material e objetos introduzidos após o contato, mediante o uso de classificadores possessivos, como é visto em diversas línguas Jê. Nesse conjunto, a única exceção é a posse de animais domesticados, cuja relação entre possuidor e nome possuído é estabelecida pelo classificador possessivo *mẽg* ‘criação’, ‘animais domésticos’ (Wiesemann 2011: 60), conforme ilustra o seguinte exemplo.

(a) inh=mẽg kasor tóg kógár jẽ
 1SG.POSS=CL.POSS cachorro NOM pintar-NMLZ AUX.IMPERF
 ‘Meu cachorro é pintado.’ (dado adaptado de Wiesemann 2011: 48)

‘Ela está catando legumes.’ (dado adaptado de Wiesemann 2011: 61)

- (32b) [ti tỹ] ka ĕn gu-j vĕ
3SG.MASC OBL pau DEM fincar-NMLZ AUX.ESSTAT

‘Ele finca aquele pau.’ (dado adaptado de Wiesemann 2011:22)

- (33) [ti=panh vỹ tỹ] pã’i jĕ
3SG.MASC=pai NOM OBL autoridade aux.imperf

‘O pai dele é uma autoridade.’ (Lit. É o pai dele que a autoridade está com ele) (dado adaptado de Wiesemann 2011:71)

- (34a) Pedro vỹ [José tỹ kanhagág tén] ki=kanhró ti
n.pess ms N.PESS MS índio matar saber 3SG

‘Pedro soube que José matou o índio.’ (dado adaptado de Tabosa 2014:129)

- (34b) [ĕg tỹ nĕn ũ ko kỹ] ĕg tóg kajĕ
1PL OBL coisa INDEF comer. SUBORD 1PL NOM mastigar
NMLZ

han ke mũ
fazer FUT AUX.PERF

‘Quando comemos algo, mastigamo-lo.’ (dado adaptado de Wiesemann 2011:38)

- (34c) ã=mỹ [isỹ ã=jo ka tã-v] vé’?
2SG=INT 1sg.obl 2SG=DAT galho quebrar-NMLZ ver

Você viu o galho que quebrei para você no caminho? (Lit. Você viu o galho quebrado para você por mim?) (dado adaptado de Wiesemann 2011: 85)

No domínio da subordinação oracional, há uma variação notável quanto à marcação oblíqua do sujeito e nominalização da oração dependente, em que uma exposição detalhada das estratégias envolvendo os diferentes tipos e subtipos dessas construções excederia os limites e os propósitos deste estudo.¹³ Nesses casos, exceto orações adverbiais, como em (34b), um traço marcante da gramática Kaingáng é a inexistência de um elemento formal que sinalize a relação de dependência estrutural, seja por meio de um subordinador ou item gramatical com função análoga. Logo, as diferenças encontradas com respeito à marcação oblíqua do sujeito pela posposição instrumental *tỹ* e à nominalização da oração subordinada devem ser vistos

¹³ Para uma descrição dessas construções em Kaingáng, recomendamos ao leitor o estudo de Tabosa (2014).

como reflexos de graus variados de integração oracional decorrentes das fontes diacrônicas envolvidas na gramaticalização dessas orações na língua.

Outra peculiaridade da língua Kaingáng (Wiesemann 1978, 1986), assim como do Laklanõ (Urban 1985), é a extensão da marcação oblíqua do argumento sujeito de orações intransitivas, quando acompanhadas por um adjunto circunstancial, sejam elas principais ou subordinadas, como é ilustrado em (35a-c). Miranda e Costa (2018) reportam esse tipo de marcação para diversas línguas Jê setentrionais, o que parece serem resquícios de um padrão sintático mais antigo nas línguas da família como um todo.

- (35a) [ti tỹ] ra tĩ-g vẽ
 3SG.MASC OBL lá ir-NMLZ AUX.ESTAT
 ‘Ele está indo lá.’ (dado adaptado de Wiesemann 1986:363)

- (35b) vẽ=sógfin ra, [ã=tỹ fág to tâprỹ jé]
 REFLX=amarrar imp 2SG=OBL pinheiro LOC subir FINLD
 ‘Coloque a corda para subir no pinheiro.’ (dado adaptado de Wiesemann 2011: 98)

- (35c) [fi tỹ] fi=ĩn tá nỹ vẽ
 3SG.FEM OBL 3SG.FEM=casa loc estar.deitado aux.estat
 ‘Ela está deitada na casa dela.’ (dado adaptado de Wiesemann 2011:167)

3.4. Outras derivações lexicais em Kaingáng

Além de nomes de ação derivados por meio de *-r* e seus alomorfes, a língua Kaingáng ainda dispõe de outros morfemas que operam para especificar a circunstância ou instrumento relacionado com o evento do radical. Este é o caso dos morfemas *ja* ‘coisa’ e *jafã* ‘coisa para se fazer’, que Wiesemann (2011:162) denomina como ‘substantivadores’. Ambos os elementos se ligam a radicais verbais já nominalizados por meio do nominalizador de nome de ação, os quais constituem uma base para outras derivações lexicais na língua.

- (36a) nĩ-g já
 sentar.SG-NMLZ NMLZ.CIRC
 assento, cadeira, banco (dado adaptado de Wiesemann 2011:66)

- (37b) run-Ø já
 carregar.água-NMLZ NMLZ.CIRC

‘vasilha para carregar água.’ (dado adaptado de Wiesemann 2011:80)

- (38a) kanhi-r jafã
 brincar-NMLZ NMLZ.INSTR
 ‘brinquedo.’ (dado adaptado de Wiesemann 2011:64)

- (38b) vãgfa-Ø jafã
 lavar.roupa.PL-NMLZ NMLZ.INSTR
 ‘máquina de lavar roupa.’ (dado adaptado de Wiesemann 2011:92)

Derivações lexicais que resultam em nomes de circunstância seguem o mesmo padrão morfológico. Em alguns casos, há apenas o nome de ação, cuja forma verbal não está mais disponível na língua, como *mur*.SG ‘nascido’ (39b) em comparação com (39a), em que o nome *ju-r* corresponde à forma verbal *jun* ‘chegar’ (Wiesemann 2011:35), ou ainda a forma verbal aparece em combinação com outros itens lexicais como produto de lexicalizações com algum contorno semântico especial,¹⁴ como o exemplo (39c), em que o verbo correspondente ao nome de ação *pu-r* ‘saída’ manifesta-se apenas na composição *pun ke* ‘sair um a um’ (Wiesemann 2011:75).

- (39a) rã ju-r ja tá
 sol chegar-NMLZ NMLZ.CIR ADV
 ‘nascente’, ‘oriente’, ‘leste’ (dado adaptado de Wiesemann 2011:77)

- (39b) mur ja kurã
 nascer.NMLZ NMLZ.CIR dia
 ‘dia do nascimento.’ (dado adaptado de Wiesemann 2011:62)

- (39c) rã pu-r ja tá
 sol sair-NMLZ NMLZ.CIR ADV
 ‘poente’, ‘ocidente’, ‘oeste’ (dado adaptado de Wiesemann 2011:77)

¹⁴ Outros casos indicativos de lexicalizações a partir de nomes de ação são os itens *nũr* ‘dormir’, que aparece em composições como *nũr sér* ‘sono profundo’ (lit. sono alegre) (Wiesemann 2011:68), e *ter* ‘morrer’ que pode significar a ação perfectiva de morrer, o próprio nome da ação (‘morte’), o ser afetado pela ação (‘defunto’) ou ainda um atributo (‘morto’) (Wiesemann 2011:43; Jolkesky & Santos, 2008:249-250). Embora ambos itens lexicais apresentem as formas *nũn* e *tén*, estas não devem ser confundidas com suas contrapartes verbais, mas sim correspondem às formas derivadas pelo morfema causativo *-n*, significando ‘adormecer’ e ‘matar’ respectivamente (Wiesemann 2011:68, 85).

Conforme os dados indicam, a distinção entre os morfemas *ja* e *jafã* a princípio é de natureza semântica, uma vez que o primeiro abrange noções mais amplas referentes a instrumento, lugar e tempo, enquanto o segundo é restrito a nomes de instrumento. A multiplicidade de especificações semânticas que um único morfema pode indicar é uma característica pervasiva de muitas línguas Jê. Em Krahô e Xikrín do Cateté, exceto nomes de agente, os morfemas *tsɐ* (Miranda 2014:101-102) e *dʒa* (Costa 2015:109-111) exprimem os conceitos acima mencionados, enquanto as línguas Xavante e Xerente dispõem do morfema *dzé* (Lachnitt 2003:27) e *ze* (Cotrim 2016:118-119) respectivamente.

Discutiremos, na próxima seção, os principais resultados do presente estudo sobre as propriedades morfológicas e sintáticas da nominalização em Kaingáng. Os resultados relevam correspondências formais e funcionais de morfemas cognatos envolvidos na derivação de nomes de ação, similarmente ao que temos identificado na família Jê como um todo. Além disso, a análise empreendida fornece-nos uma visão mais ampla acerca dos múltiplos contextos morfossintáticos em que nomes de ação são empregados e, ao mesmo tempo, das particularidades que tornam a língua Kaingáng um caso especial no âmbito das línguas Jê.

4. Discussão

Desde o estudo pioneiro de Santos (1997) sobre a língua Kĩsêdjê (Suyá), a natureza nominal de radicais verbais que exibem acréscimos em uma de suas formas tem sido um tópico recorrente na literatura sobre línguas Jê. Ao observar o comportamento sincrônico desses radicais verbais, Rodrigues, Cabral e Miranda (2008) propuseram que tal acréscimo se trata, na realidade, de um processo de nominalização, a partir do qual é possível depreender um morfema nominalizador $-r(V)$ com uma relativa alomorfia $(-t, -j, -k, -m, -n, -ɲ$ ou $-\emptyset)$, que resulta na derivação de nomes de ação (Comrie 1976, 2011)

Nomes de ação são encontrados praticamente em todos os membros da família Jê, com alto grau de produtividade tanto para fins lexicais quanto oracionais. No âmbito lexical, um fato comum à maioria das línguas é que nomes de ação servem de base para outras derivações na língua, formação de nomes de agente, de instrumento, de lugar etc. Do ponto de vista morfossintático, uma característica compartilhada por elas é que o argumento externo de construções com nomes de ação equivalente ao sujeito

de predicados verbais transitivos é marcado por uma posposição, ao passo que sujeito intransitivo (S) e objeto direto (O) são indexados diretamente no núcleo, da mesma forma que ocorre na relação entre possuidor e nome inalienável de sintagmas possessivos.

Na família Jê, o uso de nomes de ação em ambientes oracionais pode ser considerado um exemplo típico de expansão da morfossintaxe nominal em sucessivos estágios históricos (Heine 2009; Miranda 2019a). Isto explica, pelos menos, três fatos recorrentes e interrelacionados na maioria das línguas da família: (i) nominalização e, portanto, nomes de ação, constitui a principal estratégia morfossintática empregada em diversos tipos de orações subordinadas, cuja maioria dos subordinadores gramaticalizaram-se a partir de advérbios ou expressões adverbiais, posposições e demonstrativos, (ii) marcação oblíqua do argumento externo de nomes de ação derivados a partir de temas transitivos (e também alguns intransitivos) com posposição (genitiva ou instrumental), e (iii) uso de construções com nomes de ação como núcleos de orações principais via insubordinação, tal como em Krahô (Timbira) e Panará, ou restrição da nominalização em orações principais nas situações em que ela se relaciona com outro elemento diacronicamente subordinante, como advérbios de modo e negação na maioria das línguas; a posposição *mã* indicando futuro em Kîsêdjê (Suyá) e o auxiliar estativo *vã/vẽ* em Laklânô (Xoklêng) e Kaingáng, respectivamente.

Em Kaingáng, nomes de ação comportam-se de maneira análoga às demais línguas Jê, embora ocorram em um número maior de ambientes sintáticos. Tipologicamente, não é incomum que um único tipo de nominalização apresente uma alta versatilidade de funções e ambientes gramaticais, como aquelas que Noonan (1997) reporta para a língua Chantyal (Tibeto-Birmanês).¹⁵ No entanto, a língua Kaingáng diferiria de outros membros da família por nem sempre empregar nomes de ação como núcleo de orações subordinadas, ainda que o sujeito delas receba marcação oblíqua, como é o caso de orações adverbiais temporais e finais (Tabosa 2014:184-189; Jolkesky & Santos 2008). Entre elas, uma exceção são orações adverbiais casuais, cuja dependência estrutural com a oração principal é sinalizada pela conjunção *kỹ* (Tabosa 2014:189), ao contrário de orações relativas e completivas que não dispõem de elementos gramaticais

¹⁵ Dentre as funções, estão as seguintes: 1. Nominalização (nome de atividade e estados); 2. Complementação nominal; 3. Orações de finalidade; 4. Oração relativa; 5. Atributivo não-relativo; 6. Nome de agente e paciente; 7. Nominal atributivo; 8. Expressão de predicado semântico em perífrases verbais, e 10. Oração principal (Noonan 1997:374-375).

para indicar a relação de subordinação. Em orações adverbiais causais, como em (40), nomes de ação são empregados, tal é o caso de *mra-j* ‘quebrado’ que equivale à forma verbal *mranh* ‘quebrar.SG’ (Wiesemman 2011: 61), mas este não parece ser um critério absoluto que se aplique a todos os subtipos de orações subordinadas adverbiais.

- (40) gĩr vỹ fỹ [ti pẽn mra-j kỹ]
- criança ms chorar 3SG.MASC pé quebrado subord
- ‘O menino chorou porque quebrou o pé.’ (lit. O menino chorou por causa de seu pé quebrado) (dado adaptado de Tabosa 2014:189).

A ausência de nomes de ação em alguns tipos de orações subordinadas pode indicar que, na realidade, trata-se de estruturas oracionais paratáticas, mantendo, naturalmente contornos entonacionais próprios (veja-se a discussão de Givón (2009) sobre tendências diacrônicas gerais para a formação de sintagmas verbais complexos). O uso de parataxe para formação e combinação de orações complexas explicaria o fato de orações completivas e relativas não serem marcadas por subordinadores ou ‘menos’ dependente em relação à oração matriz.

A marcação oblíqua do argumento externo em Kaingáng em orações subordinadas sem nomes de ação como núcleo é outro ponto crucial que merece uma atenção mais cuidadosa. Apesar da ausência de nominalização na oração, uma hipótese a ser considerada seria a extensão da marcação de argumentos pela posposição instrumental *tỹ* para diversos tipos de orações e contextos estruturais, estando, portanto, em distribuição complementar com outros marcadores de sujeitos de predicados verbais (Wiesemann 2011:160), como consequência de reajustes estruturais mais gerais na língua. O exemplo (41) é indicativo de tal situação. em que o verbo *nénh* ‘cozinhar’ tem o correspondente nominal *nej* ‘cozido’.

- (41) Pedro vỹ rãgro kajãm [Otilia fi tỹ nén jẽ]
- Pedro ms feijão comprar Otilia FEM MS cozinhar conj
- ‘Pedro comprou feijão para Otilia fazer.’ (Lit. Pedro comprou feijão para Otilia cozinhá-lo) (dado adaptado de Tabosa 2014:188)

Considerações finais

Neste artigo, examinamos as propriedades morfológicas e sintáticas da nominalização por meio da qual nomes de ação são derivados em Kaingáng,

considerando a análise desenvolvida por Rodrigues, Cabral e Miranda (2008) de um número representativo de línguas setentrionais e centrais. Mostramos que a língua Kaingáng compartilha com as demais línguas Jê o fato de nomes de ação serem usados para fins tanto lexicais quanto oracionais. A análise demonstrou uma variedade de contextos sintáticos em que nomes de ação ocorrem como argumento, atributo, complemento de predicado nominal e núcleo lexical de construções com verbos auxiliares. No entanto, a ausência de nomes de ação em grande parte das orações subordinadas, que poderia ser considerado um traço distintivo do Kaingáng no âmbito da família Jê, seriam mais o reflexo das fontes diacrônicas a partir das quais essas orações se desenvolveram.

Além disso, mostramos que Kaingáng possui uma rica alomorfia do morfema nominalizador de nome de ação, análoga ao que temos observado em outras línguas da família, sobretudo, aquelas do ramo setentrional. Apresentamos, assim, uma análise alternativa das formas verbais com o acréscimo de elementos de variedades da língua Kaingáng propostas por Cavalcante (1987), Wiesemann (2011) e Gonçalves (2011).

A partir deste estudo, reforçamos a hipótese reconstrutiva de um nominalizador de nome de ação $*-r(V)$, com os alomorfes $-j$, $-k$, $-g$, $-m$, $-n$, $-t$, $-v$ e $-\emptyset$, que Rodrigues, Cabral e Miranda (2008) propuseram para o Proto-Jê, considerando agora membros de todas as subdivisões da família. A etapa seguinte desse empreendimento comparativo será o de estabelecer a reconstrução dos contextos sintáticos primários em que nomes de ação teriam ocorrido no Proto-Jê, tendo, posteriormente, ampliado os contextos gramaticais de sua ocorrência, como em orações subordinadas e orações independentes via insubordinação, destacando os respectivos estágios intermediários.

Finalmente, o presente artigo contribui para o entendimento de que há muito o que ser investigado sobre as mudanças gramaticais ocorridas relativas à nominalização de nome de ação em língua Jê, ampliando, consequentemente, a compreensão acerca da natureza e das direções que elas tomaram em cada língua particular.

Referências

Cabral, Ana Suely A. C.; Miranda, Maxwell G.; Gakran, Nanblá. 2018. Verbos posicionais em línguas da família Jê (tronco Macro-Jê). *Revista Pofilonia*,

vol. 25 n. 38 (1), p. 13-38.

Cavalcante, Marita Pôrto. 1987. Fonologia e morfologia da língua Kaingáng: o dialeto de São Paulo comparado com o do Paraná. Tese de Doutorado. Universidade Estadual de Campinas: Campinas, SP.

Comrie, Bernard & Thompson, Sandra. 2007. Lexical nominalization. In: SHOPEN, Timothy (Ed.), *Language typology and syntactic description*. Cambridge: Cambridge University Press, p. 334-381.

Comrie, Bernard. 1976. The syntax of action nominals: a cross-language study. *Lingua*, vol. 40, p. 177-201.

_____. 2011. Action nominals between verbs and nouns. *Rivista di Linguistica* vol. 23, n. 1, p. 7-20.

Costa, Lucivaldo S. 2003. Flexão relacional, marcas pessoais e tipos de predicados em Xikrín: Contribuição para os estudos sobre ergatividade em línguas Jê. Dissertação de Mestrado. Universidade Federal do Pará. Belém.

_____. 2015. *Uma descrição gramatical da língua Xikrín do Cateté (família Jê, tronco Macro-Jê)*. Tese de Doutorado. Universidade de Brasília – UnB. Brasília, DF.

Cotrim, Rodrigo G. P. M. 2016. Uma descrição da morfologia e de aspectos morfossintáticos da língua Akwê-Xerente (Jê Central). Tese de Doutorado. Programa de Pós-Graduação em Linguística. Universidade de Brasília – UnB. Brasília, DF.

D'Angelis, Wilmar da R. 2008. Pensar o Proto-Jê Meridional numa abordagem pragueana. Relatório de Pós-Doutorado. Universidade de Brasília – UnB (Ms).

Dixon, R. M. W. 1994. *Ergativity*. Cambridge: Cambridge University Press.

Dourado, Luciana G. 2001. Aspectos morfossintáticos da língua Panara (Jê). Tese de Doutorado. Universidade Estadual de Campinas. Campinas, SP.

Evans, Nicholas. 2007. Insubordination and its uses. In: I. Nikolaeva (ed.), *Finiteness: theoretical and empirical foundations*. Oxford: Oxford University Press.

Gakran, Namblá. 2015. *Elementos fundamentais da gramática Laklãnô*. Tese de Doutorado. Universidade de Brasília – UnB. Brasília, DF.

Givón, Talmy. 2009. Multiple routes to clause union: The diachrony of complex verb phrases. In: T. Givón & M. Shibatani (Eds.), *Syntactic complexity*:

- diachrony, acquisition, neuro-cognition, evolution. Amsterdam/Philadelphia: John Benjamins Publishing.
- Gonçalves, Solange Aparecida. 2011. Tempo, Aspecto e Modo em contextos discursivos no Kaingáng Sul (Jê). Tese de Doutorado. Universidade Estadual de Campinas. Campinas, SP.
- Haas, Mary R. 1948. Classificatory Verbs in Muskogee. *International Journal of American Linguistics*, vol. 14 (4), pp. 244-246.
- Heine, Bernd. 2009. From nominal to clausal morphosyntax: Complexity via expansion. In: T. Givón & M. Shibatani (Eds.), *Syntactic complexity: diachrony, acquisition, neuro-cognition, evolution*. Amsterdam/Philadelphia: John Benjamins Publishing.
- Koptjevskaja-Tamm, Maria. 1993. *Nominalizations*. London: Routledge.
- Lachnitt, Georg. 2003. Romnhitsi'ubumro a'uwẽ mreme-waradzu mreme/ Dicionário xavante-português. 2ª ed. Campo Grande: Editora UCDB.
- Noonan, Michael. 1997. Versatile nominalizations. In: J. Bybee, J. L. Haiman, John & S. A. Thompson (Eds.), *Essays on language function and language type: Dedicated to T. Givón*. Amsterdam/Philadelphia: John Benjamins Publishing.
- Miranda, Maxwell & Costa, Lucivalvo S. da. Posposiciones, marcación de caso y gramaticalización de patrones absolutivos en algunas lenguas Jê (Macro-Jê). In: L. Guerrero (Ed.), *Adposiciones y elementos de su tipo en lenguas de América*. Ciudad de México: Universidad Nacional Autónoma de México, 2019.
- Miranda, Maxwell G. 2014. Morfologia e morfossintaxe da língua Krahô (família Jê, tronco Macro-Jê). Tese de Doutorado. Universidade de Brasília - UnB. Brasília, DF.
- _____. 2019b. Novos apontamentos para antigos dilemas – uma abordagem diacrônica para nominalização e insubordinação em línguas da família Jê (Macro-Jê). Comunicação oral apresentada no XI Congresso Internacional da Associação Brasileira de Linguística. Maceió, AL.
- _____. 2019b. A morfossintaxe do aspecto em línguas Jê: uma abordagem diacrônica. *Revista Brasileira de Linguística Antropológica*, vol. 11, n. 2, p. 73-96.
- Rodrigues, Aryon Dall'Igna. 1981. Abertura e ressonância. *Estudos*

Linguísticos. Anais dos Seminários do GEL, v. 4, p. 324-333.

_____. 1999. Macro-Jê. In: DIXON, R. M. W. AIKHENVALD, Alexandra Y. (Eds.). *The Amazonian languages*. Cambridge: Cambridge University Press.

_____. 1986. *Línguas brasileiras*. Para o conhecimento das línguas indígenas. São Paulo: Edições Loyola.

Rodrigues, Aryon Dall'Igna; Cabral, A. S. A C.; Miranda Maxwell. 2008. *Uma abordagem histórico-comparativa da distinção entre formas verbais longas e curtas na família Jê*. Comunicação oral apresentada no VII Encontro Macro-Jê. Universidade Federal de Goiás – UFG. Goiânia, GO (Ms).

Santos, Ludoviko C. dos. 1997. *Descrição de aspectos morfosintáticos da língua Suyá/Kisêdjê (Jê)*. Tese de Doutorado. Universidade Federal de Santa Catarina: Florianópolis, SC.

Tabosa, Luciana P. 2014. Orações complexas da língua Kaingáng. Tese de Doutorado. Universidade Estadual de Londrina - UEL. Londrina, PR.

Tsipré, Eliseu Waduipi. 2019. Concordância de número em Xavante: contribuições de um falante nativo para o conhecimento linguístico de sua própria língua. Dissertação de Mestrado. Universidade de Brasília – UnB. Brasília, DF.

Wiesemann, Ursula. 1978. Os dialetos da língua Kaingáng e o Xokleng. Arquivos de Anatomia e Antropologia vol. III, Rio de Janeiro: Instituto de Antropologia Prof. Souza Marques.

_____. 1986. The pronoun systems of some Jê and Macro-Jê languages. In: WIESEMANN, Ursula (Ed.). *Pronominal systems*. Tübingen: Gunther Narr Verlag, p. 359-380.

_____. 1981. *Dicionário Kaingáng – Português / Português – Kaingáng*. 2ª ed. Brasília – DF: Summer Institute of Linguistics.

_____. 2011. *Dicionário Kaingáng – Português / Português – Kaingáng*. 2ª ed. Curitiba: Editora Evangélica Esperança.

Urban, Greg. 1985. Ergativity and accusativity in Shokleng (Gê). *International Journal of American Linguistics*, vol. 51, n. 2, p. 164-187.

Xerente, Armando Sôpré. 2019. *Particularidades dos sons, nomes, verbos, advérbios e posposições em Akwë (Xerente), família Jê Central, tronco Macro-Jê*. Dissertação de Mestrado. Universidade de Brasília – UnB.